

**INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA
CÂMPUS JARAGUÁ DO SUL - CENTRO
CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA**

**IGOR PAES MACHADO
JACKSON DE SOUZA
MANOEL ALVES DE ANDRADE NETO
MATEUS VITOR COSTA DIAS
ROGER SAMUEL CHELO PEREIRA SOUZA
RYAN MATEUS JUNIOR DA SILVA**

**O machismo naturalizado e suas manifestações no Instituto Federal de Santa
Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul, Centro**

IGOR PAES MACHADO
JACKSON DE SOUZA
MANOEL ALVES DE ANDRADE NETO
MATEUS VITOR COSTA DIAS
ROGER SAMUEL CHELO PEREIRA SOUZA
RYAN MATEUS JUNIOR DA SILVA

**O machismo naturalizado e suas manifestações no Instituto Federal de Santa
Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul, Centro**

Relatório final desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Química, 3ª fase, do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Jaraguá do Sul – Centro, Semestre 2026.1, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.

Orientador/a: Mariana de Fatima Guerino.

Jaraguá do Sul
2026.1

AGRADECIMENTOS

Nós, autores, gostaríamos de expressar nossa gratidão a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que esta pesquisa se tornasse realidade. Em especial, agradecemos às nossas orientadoras, Izabela Fagundes e Mariana de Fatima Guerino, por toda a dedicação, paciência e generosidade ao compartilharem seus conhecimentos conosco. Suas orientações e sugestões foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, guiando nossos passos em cada etapa da pesquisa. Mais do que isso, elas nos ajudaram a enxergar a importância do tema estudado e despertaram em nós um verdadeiro interesse e carinho pela pesquisa científica. Agradecemos também ao IFSC, Câmpus Jaraguá do Sul, Centro, por nos proporcionar um ambiente de aprendizado, crescimento e descoberta. A oportunidade de desenvolver este estudo e aprofundar nossos conhecimentos em um tema tão relevante e necessário foi essencial para nossa formação acadêmica e pessoal. Nosso agradecimento se estende ainda às professoras que gentilmente compartilharam seus relatos, experiências e percepções. Suas contribuições enriqueceram significativamente esta pesquisa e tornaram possível a construção dos resultados aqui apresentados. Agradecemos aos membros da banca avaliadora pela disponibilidade, atenção e dedicação na avaliação deste trabalho. Suas contribuições, sugestões e reflexões foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa. Por fim, agradecemos a todos que acompanharam essa trajetória. Este estudo é resultado não apenas de nosso esforço, mas também do apoio, da confiança e da colaboração de muitas pessoas que fizeram parte deste caminho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: 5ª Conferência de Solvay, 1927.....	9
Figura 2: O machismo pela ótica de quem sofreu.....	16

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Informação sobre as alunas pesquisadas.....	16
Quadro 2: Insegurança das alunas.....	17

RESUMO

Este trabalho investiga a naturalização do machismo e suas manifestações no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul – Centro, a partir das experiências vivenciadas por professoras do Ensino Médio Técnico Integrado. A pesquisa surgiu da necessidade de compreender como práticas machistas, muitas vezes invisibilizadas e naturalizadas no cotidiano, permanecem presentes nos espaços educacionais. O objetivo foi analisar as manifestações do machismo institucional, relacionando-as às estruturas históricas e sociais que sustentam as desigualdades de gênero. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica, entrevistas por pauta com oito docentes do IFSC, conduzidas de forma anônima e individual, com posterior transcrição e análise dos relatos. Os resultados evidenciaram a presença de manifestações machistas tanto por parte de colegas de trabalho quanto de alunos, confirmando as hipóteses levantadas. As docentes relataram situações de desqualificação profissional, interrupções, apelidos pejorativos, assédio, questionamentos sobre suas capacidades e dificuldades relacionadas ao exercício da autoridade em sala de aula. Também foram identificadas percepções sobre a baixa representatividade feminina em cargos de liderança e a persistência de estereótipos de gênero. Conclui-se que o machismo permanece presente de forma velada no ambiente educacional, reproduzindo desigualdades e silenciando mulheres. A pesquisa ampliou a compreensão crítica sobre o tema e reforçou a importância do diálogo e da valorização das mulheres nas instituições de ensino.

Palavras-chave: Machismo. Naturalização. Docentes. Instituição.

ABSTRACT

This study investigates the naturalization of sexism and its manifestations at the Federal Institute of Santa Catarina (IFSC), Jaraguá do Sul – Centro Campus, based on the experiences of teachers working in Integrated Technical High School programs. The research emerged from the need to understand how sexist practices, often rendered invisible and normalized in everyday life, continue to be present in educational environments. The objective was to analyze manifestations of institutional sexism and relate them to the historical and social structures that sustain gender inequalities. The methodology consisted of a bibliographic review and semi-structured interviews conducted with eight IFSC teachers. The interviews were carried out individually and anonymously, followed by transcription and analysis of the participants' reports. The results revealed the presence of sexist behaviors from both colleagues and students, confirming the initial hypotheses. The teachers reported experiences of professional disqualification, interruptions during speech, derogatory nicknames, harassment, questioning of their abilities, and difficulties related to exercising authority in the classroom. Perceptions regarding the low representation of women in leadership positions and the persistence of gender stereotypes were also identified. It is concluded that sexism remains present in educational environments in subtle and often concealed ways, reproducing inequalities and silencing women. The research contributed to a broader critical understanding of the issue and reinforced the importance of dialogue and the appreciation of women's roles within educational institutions.

Keywords: Sexism. Naturalization. Female Teachers. Educational Institution.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	2
LISTA DE FIGURAS.....	3
LISTA DE QUADROS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
SUMÁRIO.....	7
1 INTRODUÇÃO.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 MACHISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO.....	10
2.1.1 As quatro ondas do feminismo.....	12
2.2 MACHISMO NA ATUALIDADE.....	15
3 METODOLOGIA.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23
APÊNDICE A – Questionário.....	25
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	26

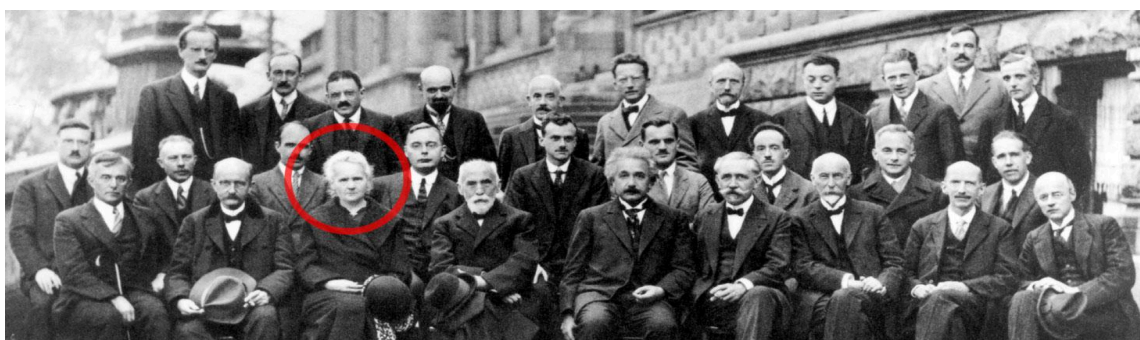
1 INTRODUÇÃO

Nossa pesquisa tem como tema: o machismo naturalizado e suas manifestações no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul, Centro¹. Nos aprofundamos no entendimento sobre a naturalização do machismo por meio das professoras do Ensino Médio Técnico Integrado do IFSC, com base em depoimentos a respeito de casos de discriminação, inferiorização e controle durante a sua graduação e trajetória profissional.

A violência contra a mulher e as disparidades de gênero representam desafios estruturais profundos na sociedade brasileira. Para além das formas extremas de agressão, existe algo silencioso que sustenta as raízes da violência: a naturalização do machismo. Esse é um processo de repetição que gera a sensação de algo ser “natural”, onde o tratamento machista se torna comum e passa despercebido muitas vezes (Furyama *et al.*, 2023).

A relevância desta pesquisa justifica-se pela urgência em desnaturalizar tais condutas. A situação-problema reside no fato de que o machismo institucional muitas vezes é invisibilizado por já estar enraizado na nossa sociedade e cotidiano, o que silencia vozes femininas e perpetua micro agressões no ambiente de trabalho e aprendizagem.

Figura 1: 5ª Conferência de Solvay, 1927.



Fonte: innova, mass media platform (2011)

Acesso em: 16 abr. 2026.

¹ A sigla IFSC será utilizada para designar o Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Jaraguá do Sul, Centro.

A motivação para escolher o tema da pesquisa começou durante uma das primeiras aulas de Química Geral I, onde o docente nos mostrou a foto de diversos cientistas e destacou o fato de que Marie Skłodowska-Curie era a única mulher ali presente (Figura 1).

Ele contou que, mesmo premiada, teve sua entrada negada na Academia de Ciências de Paris e esse acontecimento nos motivou. Decidimos, inicialmente, estudar e nos aprofundar no machismo em meio acadêmico, mas era algo muito amplo. Após isso, por sugestão da banca, delimitamos o tema ao machismo presente nas escolas. Houve uma mudança de orientadora e, com essa mudança, percebemos que nosso foco de estudo era apenas as experiências vividas pelas professoras durante sua trajetória profissional, desde a graduação até os dias atuais no IFSC.

O interesse em pesquisar o tema aumentou diante do cenário de feminicídios cada vez mais recorrentes e, especificamente, de situações vivenciadas no cotidiano em sala de aula. Com isso, surgiu a necessidade e a relevância de estudar e debater o machismo vivido, pelas professoras do Ensino Médio Técnico Integrado do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus Jaraguá do Sul - Centro. Esse trabalho permitiu que enxergássemos falas e comportamentos machistas naturalizados nos ambientes escolares, evidenciando que a escola não está imune às reproduções do patriarcado.

Como problema da pesquisa, definimos a naturalização do machismo em instituições de ensino e quais são suas diferentes manifestações por meio das relações sociais, acadêmicas e institucionais

Para responder ao problema de pesquisa, apresentamos algumas hipóteses relacionadas ao tema, sendo elas, a discriminação entre colegas de trabalho devido à ideia de que mulheres devem ser submissas aos homens; a percepção da reprodução de comportamentos e ideias machistas, por parte dos alunos; a desqualificação das professoras por meio de argumentos pseudocientíficos que tentam justificar uma suposta inferioridade feminina; as inseguranças em razão da falta de professoras em instituições de ensino em cargos de liderança; a dificuldade das professoras mulheres em controlar e ter domínio de sala, por serem

consideradas desqualificadas.

Nesse contexto, definimos como objetivo geral, relacionar como o machismo está assimilado na estrutura das instituições de ensino e suas manifestações com possíveis formas de conscientização sobre o machismo institucional. E também, como objetivos específicos:

- Verificar como as professoras entrevistadas foram tratadas durante sua trajetória por colegas de trabalho e alunos.
- Identificar o quanto o machismo é comum no ambiente de trabalho.
- Apontar o trabalho, as instituições sociais e o machismo como fenômenos relevantes a serem investigados
- Promover a valorização das mulheres na educação e a necessidade de conter o machismo em todos os níveis e esferas, principalmente nos ambientes educacionais.

A seguir, a justificativa do nosso projeto, destaca que, o machismo é uma construção social e estrutural (Lerner, 2019) presente na sociedade há muito tempo. Podemos notar que o machismo continua enraizado quando observamos nossas próprias vivências escolares, levando nós a investigar sua presença no IFSC de Jaraguá do Sul.

Além disso, estudos como os de Sousa e Guedes (2016) evidenciam uma relação assimétrica entre homens e mulheres que cria e reproduz simultaneamente as desigualdades de papéis e funções na sociedade e na divisão de trabalho. Diante disso, consideramos a importância de compreender se o machismo persiste na instituição de ensino em questão e refletir sobre estereótipos de gênero.

Também notamos a falta de pesquisas recentes sobre o tema em Jaraguá do Sul, o que torna este projeto relevante e inédito. Além disso, a escolha do nosso tema tem grande importância. Santa Catarina (SC) registra, até agora, 9 feminicídios em novembro de 2025, tornando-se o mês mais letal para as mulheres (Elias, 2025). Esses dados, juntamente com os relatos das professoras, nos mostram que o machismo não se manifesta apenas com comentários, mas também com violência e silenciamento das mulheres.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O fenômeno do machismo naturalizado pode ser compreendido como um conjunto de práticas, valores e discursos socialmente construídos e enraizados que perpetuam a violência contra a mulher e desigualdades de gênero de forma muitas vezes silenciosa. Para a compreensão dos mecanismos que sustentam a desigualdade de gênero no ambiente escolar, faz-se necessário, inicialmente, entender as raízes do problema.

2.1 MACHISMO NO CONTEXTO HISTÓRICO

Historicamente, é reservado às mulheres os espaços de confinamento no ambiente doméstico por meio de mecanismos de dominação. Esse isolamento gera exclusão dos espaços públicos, e um dos principais contribuintes era o analfabetismo de mulheres, que era, também, um dos fatores que perpetuam esse ciclo. As mulheres eram mantidas com visões limitadas sobre o mundo, mantendo esse ciclo: sem instrução, sem acesso à vida pública, sem motivos para instruí-las e assim, conseqüentemente, não inclui-las (Calil, 2000). Rocha (*et al.*, 2013, p. 3) observam que “Culturalmente as mulheres eram afastadas de temas como política, vida social, funções religiosas, direitos”.

Ao longo da história, a inserção das mulheres na esfera pública ocorreu de forma desigual e marcada por condições precárias de trabalho, caracterizadas por baixos salários, jornadas extensas e ausência de direitos. Mesmo com avanços decorrentes de movimentos sociais e transformações econômicas, as mulheres permaneceram em posição de desvantagem em relação aos homens nos âmbitos político, civil e legislativo (Calil, 2000; Rocha *et al.*, 2013).

Esse cenário foi reforçado por fatores como o liberalismo econômico e o individualismo jurídico, que favoreceram a exploração da mão de obra feminina, frequentemente remunerada de forma inferior. Além disso, medidas legais voltadas à “proteção” das mulheres, embora apresentadas como avanços, contribuíram para a manutenção de estereótipos de fragilidade feminina e para a reprodução de uma estrutura social patriarcal (Rocha *et al.*, 2013).

No Brasil, a exclusão das mulheres dos direitos políticos e do acesso à educação formal evidencia essa desigualdade histórica. A promulgação da Constituição de 1988 representou um marco na formalização da igualdade de direitos entre homens e mulheres, ainda que persistam desafios na sua efetivação (Calil, 2000; Rocha *et al.*, 2013).

Observa-se alguns mecanismos que sustentam a hierarquia de gênero. Ressalta-se na infância essa discrepância em relação aos brinquedos considerados femininos e masculinos, em que os femininos, são vinculados a serviços domésticos, como boneca, fogão, panela, vassoura, e os masculinos, são radicais, como espadas, armas ou carros. Nessa ideia, é possível questionar os espaços históricos-sociais destinados às mulheres e aos homens desde cedo. Enquanto as mulheres aprendem em sua infância a como ajudar a mãe com os afazeres domésticos e os cuidados da maternidade, os meninos aprendem, em sua maioria, a estimular a sua agressividade e a se preocuparem com atividades direcionadas à sua vida pública (Furyama *et al.*, 2023).

Segundo Roncato (2022), a naturalização do machismo se estende em diversas esferas sociais. As instituições de ensino, enquanto espaços de socialização, não se encontram desvinculadas desse fenômeno, uma vez que naturalizam discursos, práticas e valores.

De acordo com o estudo realizado pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) Ramalho, Soares e Cardoso (2025), o machismo nas escolas se manifesta de diversas maneiras, tanto por parte de alunos quanto de professores. Essas atitudes podem ser sutis, como comentários desnecessários, interrupções quando elas querem falar ou piadas sexistas. Também podem ser mais graves, como toques sem consentimento, palavras grosseiras e humilhação na frente de colegas. Essas atitudes fazem um ambiente intimidante para alunas e professoras, que muitas vezes se sentem silenciadas ou inseguras dentro do ambiente escolar.

2.1.1 As quatro ondas do feminismo

De acordo com o estudo feito por Malinowska (2020), “Waves of feminism”, a primeira onda do feminismo foi extremamente primitiva se levarmos em

consideração os padrões de hoje, mas para a sociedade patriarcal e estruturalmente e radicalmente machista da época, foi um fenômeno inovador e pioneiro. Trazia como objetivo pintar a imagem da então chamada “nova mulher”, que era um ideal feminino da época, e ao mesmo tempo denunciava as condições precárias femininas e o acesso limitado de mulheres a coisas como educação e propriedade.

Suas formas de protesto envolviam marchas públicas, sermões e, principalmente, a escrita. Como consequência desse movimento, surgiu o “Lily”, o primeiro jornal editado e publicado por mulheres, nos Estados Unidos, que coincidiu com o jornal feminista francês, “La voix de las femmes” (a voz das mulheres), evidenciando o âmbito global desse movimento (Malinowska, 2020).

A Segunda Onda do Feminismo teve início em 1960 como um movimento de busca pela igualdade entre os gêneros. Igualdade essa que, evidentemente, foi conquistada apenas no papel, tendo em vista que ainda era muito presente o machismo no pensamento das pessoas. Começa a surgir questionamentos sobre os ideais de gênero e feminilidade, destacam-se então, diferentes pensadoras, como: Simone de Beauvoir e Betty Friedan (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo” destaca o questionamento do que seria uma “mulher”. Além disso, questiona a existência de uma essência feminina e critica a forma como muitos pesquisadores homens colocavam-se no centro da humanidade, categorizando as mulheres como outros seres, diferentes e inferiores, que deveriam ser colocadas de lado, além de evidenciar a ideia de gênero como uma construção social, “não se nasce mulher, torna-se” (Silva; Carmo; Ramos, 2021). Betty Friedman foi uma escritora americana, autora da obra *A mística feminina*. Na época de 1963, era comum os americanos sempre relacionarem o gênero feminino aos serviços como: cuidadora do lar, dona de casa, etc. Isso parte da ideia de que a mulher em sua essência teria sido desenvolvida, seja por uma divindade ou pela biologia, como mais frágil, instável emocionalmente e com seu raciocínio voltado a atividades que não demandam de lógica nem esforço físico demais. No livro, Betty faz questão de questionar a rotulação e divisão dos papéis sociais, aqueles que se permaneciam intrínsecos na visão do que seriam os gêneros da população americana.

De acordo com Miranda (2015 *apud* Silva; Carmo; Ramos, 2021), a terceira onda do feminismo iniciou-se na década de 1990, influenciada pelo movimento negro e pelos movimentos homossexuais, lésbicos e transexuais. A Conferência de Direitos Humanos (1993) e a Conferência de População e Desenvolvimento (1994) ampliaram os canais de informação e troca de experiências. A IV Conferência Mundial da Mulher, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos e a Convenção Interamericana passaram a discutir a prevenção, punição e erradicação da violência contra a mulher, contribuindo para alterações no Código Penal. Essas conquistas fortaleceram uma nova visão da sexualidade baseada na autonomia, liberdade e valorização da mulher, reduzindo desigualdades de gênero. Houve também avanços institucionais, como a vinculação da mulher à Justiça em 2002, com a criação da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, e, em 2003, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, voltada à formulação de políticas públicas para as mulheres. O feminismo brasileiro ganhou força com a ampliação da participação feminina na política e em cargos antes ocupados exclusivamente por homens. Além disso, mulheres passaram a monitorar e pressionar o Estado pelo atendimento de suas demandas. A I Conferência Nacional de Políticas para Mulheres destacou a força desse movimento por meio de mobilizações e propostas voltadas à igualdade de gênero.

A quarta onda do feminismo, identificada por diversos autores como um movimento que ganha força a partir de 2010, caracteriza-se principalmente pela utilização das redes sociais como instrumento de mobilização, conscientização e denúncia das desigualdades de gênero. Nesse período, o debate feminista ampliou seu alcance por meio da internet, possibilitando a rápida disseminação de informações, a articulação de movimentos em escala global e a ampliação da visibilidade de pautas relacionadas à violência contra a mulher e à igualdade de direitos. Além disso, essa fase passou a incorporar de forma mais expressiva discussões sobre diferentes marcadores sociais, como raça, classe, etnia, orientação sexual e identidade de gênero, reconhecendo que as experiências femininas são diversas e atravessadas por múltiplas formas de desigualdade. Dessa maneira, a quarta onda fortaleceu o combate ao sexismo, à discriminação e às diversas manifestações de violência contra as mulheres, promovendo uma atuação

mais inclusiva e representativa dos movimentos feministas (Silva; Carmo; Ramos, 2021).

Muitos dos ideais machistas que existem nos tempos atuais, na verdade foram formulados e desenvolvidos ao longo da história, como por um dogma religioso, como destacado pela Lerner (2019, p. 39) “Eles argumentam que: se à mulher foi atribuída, por planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais”. Também eram atribuídas justificativas biológicas para tal tipo de pensamento, onde acreditavam que pelas características biológicas diferentes entre os sexos, com alguma ligação direta com a teoria darwinista também deveriam existir diferentes atribuições sociais para os mesmos.

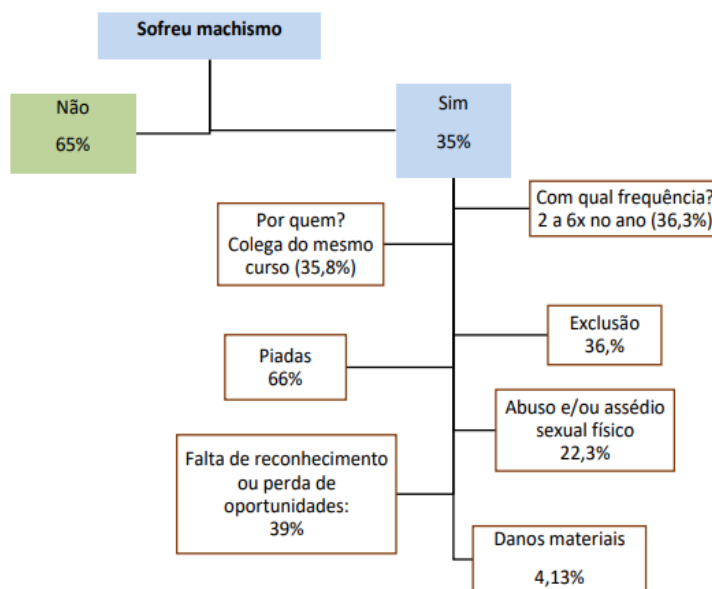
As diferentes ondas do feminismo contribuíram para a ampliação dos debates sobre igualdade de gênero e para o questionamento de práticas discriminatórias naturalizadas na sociedade. Nesse contexto, tais contribuições tornaram-se relevantes para compreender as manifestações contemporâneas do machismo no ambiente educacional.

2.2 MACHISMO NA ATUALIDADE

Faz-se necessário que a sociedade reflita sobre a presença do machismo nos espaços educacionais e reconheça que diversas práticas cotidianas são reflexo de uma estrutura historicamente enraizada. A partir dessa compreensão, torna-se possível promover discussões acerca dos impactos negativos da perpetuação dessas concepções na atualidade.

Segundo Silva e Mendes (2015), o machismo manifesta-se de forma tão enraizada nas relações sociais, que dificulta a percepção dos efeitos das diferenças nos ambientes escolares. As interações entre meninas e meninos, mulheres e homens, revelam possíveis formas de opressões por meio de gestos, movimentos e falas que, conforme discutido anteriormente, são frequentemente naturalizadas. Desse modo, tais práticas passam a integrar os modos socialmente esperados de ser homem ou mulher, delimitando espaços de atuação e estabelecendo comportamentos considerados adequados para cada gênero.

Figura 2: O machismo pela ótica de quem sofreu.



Fonte: Expressões do machismo entre universitários de uma instituição do Sul do Brasil (2025).

Acesso em: 10 jun. 2025.

Nesse sentido, Guilherme, Costas, Alves e Santos (2023) identificam a naturalização do machismo no ambiente escolar, especialmente por meio de piadas e comentários aparentemente inofensivos. Os resultados de sua pesquisa evidenciam que 66% dos entrevistados relataram ter sofrido manifestações machistas por meio desse tipo de comportamento (Figura 2), demonstrando como práticas discriminatórias podem ser reproduzidas e normalizadas nas relações cotidianas.

Quadro 1: Informação sobre as alunas pesquisadas.

Universitárias	Já sofreu machismo ou assédio dentro da universidade?
Aluna 1	Sim
Aluna 2	Não
Aluna 3	Sim
Aluna 4	Sim
Aluna 5	Sim
Aluna 6	Não
Aluna 7	Sim
Aluna 8	Sim
Aluna 9	Não
Aluna 10	Não
Aluna 11	Não
Aluna 12	Não
Aluna 13	Sim
Aluna 14	Sim
Aluna 15	Sim
Aluna 16	Não
Aluna 17	Sim
Aluna 18	Sim

Fonte: O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico (2025).

Acesso em: 10 jun. 2025

Quadro 2: Insegurança das alunas.

Acadêmicas	Relataram o fato para alguém?
Aluna 1	Sim
Aluna 2	–
Aluna 3	Sim
Aluna 4	Sim
Aluna 5	Não
Aluna 6	–
Aluna 7	Não
Aluna 8	Sim
Aluna 9	–
Aluna 10	–
Aluna 11	–
Aluna 12	–
Aluna 13	Não
Aluna 14	Sim
Aluna 15	Não
Aluna 16	–
Aluna 17	Não
Aluna 18	Não

Fonte: O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico (2025)

Acesso em: 10 jun. 2025.

De acordo com as entrevistas realizadas por Ramalho, Soares e Cardoso (2025), a maioria das mulheres entrevistadas relatou ter sofrido machismo ou assédio na universidade que frequentam (Quadro 1). Além disso, mais da metade das participantes que vivenciaram essas situações optou por não denunciar ou

relatar os episódios ocorridos (Quadro 2). Esse resultado pode estar relacionado aos sentimentos de medo, intimidação e isolamento frequentemente associados às diferentes formas de violência contra a mulher. Nesse sentido, Bandeira (2014, p. 12 *apud* Ramalho; Soares; Cardoso, 2025) afirma que:

A violência contra a mulher constitui-se em fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral e física. Suas manifestações são maneiras de estabelecer uma relação de submissão ou de poder, implicando sempre em situações de medo, isolamento, dependência e intimidação para a mulher. É considerada como uma ação que envolve o uso da força real ou simbólica, por parte de alguém, com a finalidade de submeter o corpo e a mente à vontade e liberdade de outrem.

Observa-se que as interações sociais entre homens e mulheres permanecem marcadas por relações desiguais e hierarquizadas, sendo marcadas pela opressão do sexo masculino em relação ao feminino. Segundo Sousa e Guedes (2016), “estabelecendo uma relação assimétrica entre os sexos que cria e reproduz concomitantemente as desigualdades de papéis e funções na sociedade”.

3 METODOLOGIA

A metodologia iniciou-se com o embasamento teórico em oito artigos científicos sobre as raízes e manifestações do machismo. No levantamento de campo, identificaram-se 16 docentes no Ensino Médio Técnico Integrado do IFSC, câmpus Jaraguá do Sul, Centro, das quais oito aceitaram participar da pesquisa. Foram realizadas entrevistas por pauta (Gil, 1999), de forma anônima e em locais reservados, conduzidas individualmente pelos membros do grupo. O registro ocorreu via gravação de áudio para posterior transcrição e análise, buscando relacionar os relatos à fundamentação teórica e às hipóteses levantadas. Para preservar o anonimato, as participantes foram identificadas numericamente (ex: Professora 1).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nossa pesquisa foi elaborada com o intuito de cumprir com nossos objetivos, que visam estudar e discutir a naturalização do machismo, a percepção dela,

promover a valorização das mulheres na educação e a necessidade de conter o machismo. Para isso elaboramos algumas hipóteses, onde pressupomos que há discriminação entre colegas de trabalho devido à ideia de que mulheres devem ser submissas aos homens; a percepção da reprodução de comportamentos e ideias machistas, por parte dos alunos; a desqualificação das professoras por meio de argumentos pseudocientíficos que tentam justificar uma suposta inferioridade feminina; as inseguranças em razão da falta de professoras em instituições de ensino em cargos de liderança; a dificuldade das professoras mulheres em controlar e ter domínio de sala, por serem consideradas desqualificadas.

Nossa primeira hipótese, que aborda a discriminação entre colegas de trabalho devido à ideia de que mulheres devem ser submissas aos homens, é confirmada, principalmente, pelas entrevistas com as docentes.

A professora 2 relatou que suas capacidades como educadora eram desmerecidas por colegas de trabalho. De forma semelhante, a professora 5 afirmou ter vivenciado situações em que se sentiu diminuída e até infantilizada por colegas homens em diferentes interações. A professora 6, por sua vez, citou casos de assédio e machismo enraizados no pensamento de colegas. Segundo ela, “parece que [...] sempre tem alguém dando ‘*pitaco*’ por trás, e normalmente são sempre os homens”. A professora 1 também relatou que, embora as reuniões fossem geralmente saudáveis, presenciou uma interação desigual entre uma docente e seu superior, marcada pela opressão masculina. Em razão de ocupar um cargo superior, ele utilizou sua autoridade para silenciar a professora, reforçando uma lógica hierárquica associada às questões de gênero (Sousa; Guedes, 2016).

Nossa segunda hipótese trata-se da percepção da reprodução de comportamentos e ideias machistas, por parte dos alunos.

A professora 2 diz já ter passado por episódios de machismo por parte dos seus alunos, assim como a professora 3, que relata ter ouvido os alunos usando apelidos pejorativos para referir-se a ela e não prestando atenção nas aulas, o que não ocorria com outros docentes homens. Um caso citado pela professora 4, foi no EJA (educação para jovens e adultos), uma mulher obteve nota superior à do marido e, por isso, sofreu ameaças sutis.

A professora 5 relatou que, ao lecionar em um curso técnico de agronegócio, havia dificuldades de comunicação com os estudantes devido à falta de respeito direcionada a uma docente mulher.

Complementando as respostas das docentes, relaciona-se a fala de Francisco (2014, p. 26),

1

...podemos verificar que a dominação masculina se apresenta de forma tão silenciosa ou “invisível” que suas vítimas são muitas vezes incapazes de reconhecer que estão submetidas a ela, e esse não conhecimento tem suas raízes solidificadas na cultura de um povo, que reproduz a dominação de geração em geração levando a mesma a ser vista como algo natural e normal. Os agentes que se negam a se submeter à dominação estão fadados a sofrer sanções /castigos e passam a serem vistos como anormais.

Diante disso, podemos concluir que o machismo nem sempre é algo evidente, mas muitas vezes naturalizado e tão enraizado no nosso cotidiano, que passa despercebido. O machismo institucional se manifesta, em sua maioria, através de comentários e apelidos, como relata a professora 3. Embora pareça “inofensivo”, é uma forma de manter a mulher sob controle através do julgamento social.

Para nossa terceira hipótese, referente à desqualificação das professoras por meio de argumentos pseudocientíficos que tentam justificar uma suposta inferioridade feminina, destaca-se o relato da professora 6, única docente a vivenciar, ou ao menos perceber, uma manifestação como essa. Durante uma formação para docentes, teve uma fala da pessoa que estava instruindo, afirmando que ela conquista primeiramente pela aparência, logo, a professora não deve colocar uma calça bege para dar aula para o seu aluno, pois ela não irá atraí-lo. Um argumento infundado cientificamente, utilizando da pseudociência com fins machistas.

Nossa quarta hipótese aborda as inseguranças em razão da falta de professoras em instituições de ensino em cargos de liderança. Com exceção de uma entrevistada, todas as demais comentaram sobre essa questão. Unindo os relatos delas, percebe-se que o problema não pode ser resolvido simplesmente aumentando a presença de mulheres em cargos de liderança. Entretanto, a ampliação dessa representatividade pode contribuir para a conscientização sobre o

machismo e fortalecer a presença das mulheres em posições de autoridade, uma vez que a capacidade de liderar não depende do gênero.

Além disso, torna-se evidente os espaços históricos-sociais destinados às mulheres e aos homens desde cedo. Mulheres, em sua infância, são direcionadas ao trabalho doméstico e à maternidade, enquanto os homens são estimulados e direcionados à vida pública e carreira profissional (Furyama *et al.*, 2023).

Por fim, nossa quinta hipótese refere-se à dificuldade das professoras mulheres em controlar e ter domínio de sala. Por serem consideradas desqualificadas, percebemos que muitas vezes há falta de atenção dos alunos. A professora 5 comenta que a desatenção dos alunos tem relação com seu gênero, pois com docentes homens a atenção é maior. Além disso, uma fala da professora 6 é marcante, em que ela afirma perceber que os alunos prestavam atenção e paravam de conversar somente quando ela gritava ou engrossava a voz, de forma a entender que uma voz fina, considerada, pela maioria, como sinal de menor autoridade e sendo associada à feminilidade, era desmerecedora de atenção.

Analisa-se que as docentes falam bastante da presença de machismo velado, de acordo com o estudo realizado pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) por Ramalho, Soares e Cardoso (2025), que afirmam que o machismo nos ambientes acadêmicos se manifesta de forma sutil, tanto por parte dos colegas de trabalho (outros docentes e/ou superiores) quanto por parte dos alunos, seja, ou não, por “piadinhas” e apelidos que diminuem e desqualificam as professoras, dificultando sua identificação.

Ao observar nossas pesquisas, percebemos que a naturalização do machismo perpetua-se devido a um ciclo. Mesmo que no presente as mulheres, em sua maioria, não possuam mais aquela visão ignorante causada pelo controle dos homens e da sociedade, esse pensamento dura até os dias atuais e ainda se aplica ao meio educacional, manifestando-se na desvalorização do conhecimento produzido e transmitido por mulheres, muitas vezes sem qualquer argumento plausível que o justifique.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que, por meio deste trabalho, foram esclarecidas as diferentes manifestações de machismo sentidas pelas professoras nos diversos ambientes acadêmicos, seja por relações de poder entre diferentes cargos ou pelos alunos, o que destaca a importância da pesquisa. Foram identificadas, através de nossa metodologia de pesquisa, a presença de expressões sutis de comportamentos que, muitas vezes, são encobertos e relativizados, o que enfatiza a importância da abordagem do tema.

Foram encontradas muitas dificuldades ao decorrer da realização do trabalho, destaca-se a complexidade de abordar um tema tão enraizado e presente em tantas camadas da sociedade, exigindo estudo e pesquisa intensa.

Ao longo da execução deste trabalho foi possível aprofundar o conhecimento dos envolvidos no que diz respeito a dissonância na visão e tratamento dos gêneros consequente da estrutura patriarcal, do machismo estrutural e principalmente suas reverberações ao longo da história até a atualidade. Foi desenvolvida a percepção da sociedade com lentes mais críticas, o que irá acompanhar os participantes implicados ao longo de toda a trajetória acadêmica.

Dessa forma, destaca-se a importância de promover o diálogo, a conscientização e a valorização das mulheres nos espaços de ensino, contribuindo para a construção de ambientes mais justos, respeitosos e igualitários.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Alexia. **Novembro registra nove feminicídios e se torna o mês mais letal do ano para mulheres em SC**. 23 nov. 2025. Disponível em:

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/novembro-registra-nove-feminicidios-e-se-torna-o-mes-mais-letal-do-ano-para-mulheres-em-sc>. Acesso em: 06 jun. 2026.

CALIL, Léa Elisa Silingowschi. **História do direito do trabalho da mulher**: aspectos histórico-sociológicos do início da República ao final deste século. São Paulo: LTr, 2000. Disponível:

https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=56O05FMnQ9MC&oi=fnd&pg=PA6&dq=trabalho+mulheres+hist%C3%B3ria&ots=IfHYMSDh84&sig=E05F923QlrUGfAv-steeNDKK_0E. Acesso em: 07 jun. 2026.

FRANCISCO, Renata de Souza. Tornando o invisível visível: um olhar panorâmico sobre a dominação masculina, machismo e a criação do “próprio” para mulheres.

Perspectivas Online: Humanas e Sociais Aplicadas, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 25-36, 15 dez. 2014. Disponível em:

https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/556/478. Acesso em: 05 jun. 2026.

FURYAMA, Luani Akemi *et al.* A naturalização de discursos machistas: reflexões sobre o cotidiano e o enfrentamento da opressão. **Feminismos**, v. 11, n. 1, p. 1-27, 2023. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/0120/f552ab233d06d5ff81d7cf7398f791451152.pdf>. Acesso em: 25 maio 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1IKvoqeFejmtHQ4iPz5HrM06Rrzy3KftH/view?usp=sharing>. Acesso em: 07 jun. 2026.

GUILHERME, Alexandre; COSTA, Joacir Marques da; ALVES, Camila Aloisio; SANTOS, Cristiane Silveira dos. Expressões do machismo entre universitários de uma instituição do Sul do Brasil. **Revista Internacional da Educação Superior**. Campinas, v. 28, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/aval/a/8ZCV8ZgQ9Qmbg6DvDNd8WzM/>. Acesso em: 07 jun. 2026.

LERNER, Gerda. Origens. In: LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019. Acesso em: 07 jun. 2026.

MALINOWSKA, Ania. The International Encyclopedia of Gender, Media, and Communication. **Waves of feminism**. Silesia. v. jul de 2020. p. 1-7. Disponível em: https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:GhnTWNrPHGgJ:scholar.google.com/+waves+of+feminism&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 07 jun. 2026.

RAMALHO, Carla Chagas; SOARES, Evellyn Santos; CARDOSO, Fernanda de Souza. O machismo e as violências contra as mulheres no espaço acadêmico. **Revista Internacional de Educação Superior**. Campinas, v. 12, p. 1-21, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8675756/36090>. Acesso em: 06 jun. 2026.

ROCHA, Anderson Caldas; SANTOS, Izabela Karolyne Barboza; SILVA, José Geivide de Jesus; SANTOS, Marcelo Henrique Lima; SANTOS, Mércia de Oliveira; SANTOS, Philipe Bezerra dos; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral. **A evolução dos direitos trabalhistas da mulher ao longo dos tempos**. Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n. 17, p. 77-84, out. 2013. Disponível: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/download/950/504/>. Acesso em: 07 jun. 2026.

RONCATO, Mariana Shinohara. Uma análise marxista do trabalho das mulheres: Susan Ferguson e a Teoria da Reprodução Social. **Caderno CRH**, Goiabeiras, v. 35, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/nz9CPkymhzm38kwCXXvS7Bq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 maio. 2026

SILVA, Maví Consuelo; MENDES, Olenir Maria. As marcas do machismo no cotidiano escolar. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 1, jan./jun. 2015, p. 90-99. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/download/31723/17214/127896>. Acesso em: 07 jun. 2026.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, Porto Alegre, v. 30, n. 87, maio/aug. 2016, p. 123-139. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2026.

APÊNDICE A – Questionário

1. Para quais/quantas turmas você dá aula?
2. Em reuniões com responsáveis, há uma escuta respeitosa e engajamento com suas falas?
3. Você está familiarizada com o termo machismo? Compartilhe um pouco conosco, por favor.
4. Durante a faculdade, você já sentiu que tinha dificuldades que os seus colegas homens, pareciam não ter? Ou vivenciou situações com professores homens que te causaram algum desconforto? Dê exemplos.
5. Ocorre ou já ocorreu algum caso onde um colega de trabalho homem pareceu julgar ou reprimir sua personalidade por não caber nos padrões esperados de uma mulher?
6. Você já sofreu machismo por parte dos seus alunos alguma vez em sala de aula, de forma sutil ou direta? Comente alguns exemplos, por favor.
7. Você já se sentiu pressionada ou diminuída por ser uma professora mulher em um ambiente historicamente masculinizado?
8. Você já sentiu ou sente que um colega de trabalho questionou seus conhecimentos ou capacidades por ser mulher? Seja de forma sutil, explícita ou pela via do humor?
9. Você sente falta das mulheres ocupando uma posição/cargo de liderança na instituição? Comente um pouco, por favor.
10. Você sente ou já sentiu que ao entrar em uma sala de aula, os alunos parecem não te respeitar, em comparação à uma presença masculina? Ou focam muito na sua aparência ou em suas roupas, cabelo e/ou maquiagem?
11. O machismo, em sua maioria, se manifesta a partir de alunos ou colegas de trabalho?
12. Você acha pertinente a conscientização sobre a valorização da mulher e explicar como o machismo pode estar presente nas pequenas coisas do dia a dia, tentando trazer essas conscientizações para o IFSC e nas instituições de ensino?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Para facilitar a visualização das transcrições das entrevistas, optamos por utilizar um documento contendo as transcrições, segue o link do documento abaixo:

<https://docs.google.com/document/d/13roTvV0rudadJ6LvHguz99Md4miOVclcolRThnrcq5s/edit?usp=sharing>.